

**FARPAS
E LAMPEJOS
REGENERADORES**

Artigos de análise e intervenção
contra a degradação da língua

CARLOS GARRIDO



FARPAS E LAMPEJOS REGENERADORES
Artigos de análise e intervenção contra a degradação da língua

1ª edição, novembro 2024

© AGAL

© Carlos Garrido

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-96-4

DL: C 1669-2024

Coordenação editorial: Noélia Toja e Valentim Fagim
Diagramação e capa: Miguel Durão

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Numha democracia assim concebida, o verdadeiro poder —se bem que indireto, subestimado e, portanto, em larga medida, nom exercido— reside na «sociedade civil». Na impotência que ela sente manifesta-se a relação de tensão e de desigualdade que se dá entre o indivíduo e o coletivo. No entanto, o indivíduo apenas é membro impotente do seu coletivo na medida em que desiste dos elementos fundamentais em que se baseia o funcionamento de umha democracia: coragem cívica, espírito de solidariedade e responsabilidade individual. A democracia exige, além de tolerância e vontade de compromisso, a participação ativa de todo o mundo, conforme as necessidades e capacidades de cada um. Quanto menor for a disponibilidade de umha pessoa para se envolver na vida coletiva, menos direito ela terá a reclamar coisas dos «outros» ou dos «de acima». Os «de acima» assumem grande responsabilidade, mas a responsabilidade polo meu comportamento é exclusivamente minha, e também por se me envolvo de modo ativo na vida coletiva ou se só me deixo levar na corrente da massa e resguardo a minha comodidade e as minhas reivindicações no anonimato que o coletivo confere.

(Klaus Hahlbrock, *NR*, 2/2011: 70–71; trad. C. Garrido)

Índice

- Apresentação | 11
- Esquema: processos degradativos do léxico galego | 15
1. N’O Río de Xaneiro d’O *Orfeo Negro* | 17
 2. Sucesso pessoal, triunfo coletivo, fracasso social | 19
 3. Exclusom na Galiza da *inteligência da língua* (I) | 21
 4. Exclusom na Galiza da *inteligência da língua* (e II) | 23
5. Surto epidémico de castelhanização vocabular no quadro da *docovi-19* | 25
6. Aspetos essenciais do reintegracionismo escamoteados no discurso público | 27
 7. RAG, *primum non nocere!* | 29
 8. Nocivo capricho de um aprendiz de feiticeiro: a RAG, agora, (re)nomeia os surtos epidémicos! | 31
9. Regeneração neológica socializada, nom elitista e antipopular! | 33
10. O *pueblo gallego* do Sr. López Carreira | 35
11. Incoerências subordinadoras que me libertárom | 37
12. Galeguismo castelhanista | 39
13. Encarniçamento sintático castelhanizante e plebeizante | 41
14. A namorada do rato *Mickey* e a insuficiência do galego oficialista | 43
15. Três xiboletes lexicais do galego que enquadram o dicionário da RAG no castelhano | 45
 16. Desgraça e vergonha: o tratamento oficialista da variação geográfica do léxico galego (I) | 47
 17. Desgraça e vergonha: o tratamento oficialista da variação geográfica do léxico galego (II) | 49
 18. Desgraça e vergonha: o tratamento oficialista da variação geográfica do léxico galego (e III) | 51
19. Coda: lesiva ideologia e incompetência técnica | 53
20. Ocultações do isolacionismo oficialista | 55
 21. Falsos e nocivos emblemas de galeguidade (I) | 57
 22. Falsos e nocivos emblemas de galeguidade (e II) | 59
23. Escandalosa subordinação neológica ao castelhano (I) | 61
24. Escandalosa subordinação neológica ao castelhano (e II) | 63
25. Um sistema lexical escandalosamente incoerente | 65
 26. Escandalosa neologia de invenção | 67

27. Neologia escandalosamente arbitrária | 69
28. Neologia instável, bipolar e insuficiente | 71
 29. Escandalosa anomia neológica | 73
30. Súmula da escandalosa neologia oficialista | 75
 31. Exortação ao *Nós Diario* (I) | 77
 32. Exortação ao *Nós Diario* (e II) | 79
33. A língua subordinada de *Ollos de Auga* | 81
34. Sinais obscenos de esmorecimento | 83
 35. Óculos de grossas lentes | 85
36. A andorinha, a vaca-loura e o patinho feio | 87
 37. Galego: o comum e o particular | 89
 38. Honestidade e coragem | 91
39. *O Home que Matou Liberty Valance* | 93
 40. O guarda-chuva do José | 95
 41. Sonaurigas de coração ladrador | 97
 42. A língua mais difícil do mundo | 99
43. A normalização, a normatização e o tigre | 101
 44. Obscena subserviência | 103
45. Quinta-essência da codificação oficialista do galego | 105
 46. *Maneirismos* do castelhano | 107
47. Hino Galego: restauração e regeneração | 109
 48. O cessar-fogo, o hastear da bandeira | 111
 49. Se quisermos regenerar o galego | 113
 50. Mais galego na Europa | 115
51. Neurónios de tradutor / TA neuronal | 117
52. Oligofrenia codificadora televisada! | 119
 53. Atitudes de menorização | 121
54. Niño dañino / Niño daniño / Ninho daninho | 123
55. Ingenio y maña / Enxeño e xeito / Engenho e jeito | 125
56. Extraño cuello / Estraño coello / Estranho coelho | 127
 57. Macacos e cinopitecos | 129
 58. Veio de excêntricos | 131
- Índice alfabético remissivo | 133

Apresentaçom

É-me grato apresentar aqui os artigos de divulgação lingüística que se-guem, agrupados sob a rubrica *Farpas e Lampejos Regeneradores*, coletá-nea da Através Editora, esta, que abrange as peças de «Análise» que, desde 2020, com periodicidade mensal, tenho até agora publicado no *Nós Diario*. Nom som estes os primeiros artigos de caráter divulgador que redigim e publiquei¹, embora si sejam os produzidos com mais persistente dedi-caçom e, provavelmente, os que tenham atingido maior difusom, a qual, agora, ainda se acrescentará com o seu lançamento conjunto em forma de livro. De facto, dado que umha parte substancial destas peças, como a seguir explicarei, focaliza aspetos lexicais do galego, podemos considerar que a presente obra é, nalgumha medida, complementar e companheira do livro divulgador *O Escândalo do Léxico Galego*, que dei à estampa na Laiovento em 2022.

O presente volume agrupa cinqüenta e oito peças breves de alta di- vulgaçom, dispostas em ordem cronológica e destinadas ao público geral, que analisam aspetos lexicais, morfossintáticos, ortográficos, pragmáticos e sociolingüísticos do galego-português da Galiza contemporânea, com atençom preferente dispensada à norma e ao uso culto. Por isso, em rigor e com objetividade, esse escrutínio tem de ser hoje, infelizmente, mui- to crítico com a codificaçom efetuada polo *oficialismo* da RAG e do ILG, o qual, como os textos em presença denunciam, por um lado, concebe o galego —variedade nacional da pluricontinental língua galego-portu- guesa— como *patinho feio*, como língua regional menor, segregada do luso-brasileiro e formal e funcionalmente subordinada ao castelhano, e, por outro lado, por incompetência técnica, nom regenera cabalmente o galego nem o capacita como verdadeira língua de cultura. Nessa sustida crítica ao oficialismo lingüístico —pungente, mas merecida e socialmente útil—, fica explicado o componente *farpas* do nosso título, ao passo que

¹ Com efeito, antes do lançamento da presente coletânea, e da edição original, jornalística, das suas peças, já publicara, entre 2014 e 2019, mas só de forma esporádica, em papel ou na *internet*, alguns artigos divulgado- res sobre língua no antecedente do *Nós Diario*, i. é, no *Sermos Galiza*. Ainda anteriores, do decénio de 1990, terám sido dous ou três artigos divulgadores de tema zoológico que publiquei na revista *Natureza Galega* e no semanário *A Nosa Terra*, para além da minha dedicaçom ocasional à traduçom de textos divulgadores do campo das Ciências Naturais. Por sinal, lembro com algum pesar o contributo que, sobre lesmas-terrestres (baseado em fotos e dados da minha tese doutoral), publiquei na *Natureza Galega*: esse, meu primeiro artigo divulgador —originalmente redigido e enviado à revista em galego-português— deve ser o único texto que tenha publicado em galego-castelhano, após ter sido confrontado com o ultimato dos editores, inesperado e sobrevivendo, de passar a peça para a norma RAG-ILG ou nom a publicar. Essa amarga cedência seria seguida, a partir de entom, por um inabalável compromisso da minha parte com a publicaçom em galego-português, que me havia de reparar exclusom e marginalizaçom, mas já nom amargura.

com *lampejos* nos referimos àquelas «revelaçõs» —freqüentemente baseadas na aplicaçom da lógica elementar e do senso comum— que estas peças oferecem, de formulaçom simples e sucinta, mas que, enquadradas na tradiçom reintegracionista, nos parece iluminarem a estratégia certa para combatermos a atual degradaçom da língua e debelarmos a ameaça da sua iminente extinçom (a *intervençom* do nosso subtítulo).

Visto que falar ou escrever umha língua nom é senom enfiar palavra após palavra, que o léxico de um idioma representa um enorme acervo de elementos de exuberante diversidade e que a constituiçom lexical de umha modalidade lingüística reflete ao longo do tempo de forma inequívoca a história e a evoluçom cultural de umha sociedade, sempre me fascinou o componente vocabular das línguas e, em particular, o do galego, polo que me especializei no seu estudo. Em conseqüência, grande parte dos artigos que o amável leitor encontrará nesta coletânea analisam, com óptica crítica e construtiva, aspetos da degradaçom e da regeneraçom do nosso léxico. Embora esses textos, polo seu caráter divulgador, em geral expliquem o conceito fundamental de cada *fator* ou *processo de degradaçom lexical*, como contextualizaçom inicial, bem esclarecedora, exortamos o leitor a consultar o esquema que segue a esta Apresentaçom, no qual se ilustra, mediante flechas, a essência de cada processo degradativo (*variaçom geográfica sem padronizaçom* [duas variantes], *substituiçom castelhanizante*, *erosom*, *estagnaçom* e *suplência castelhanizante*)².

Neste ponto, parece oportuno referirmo-nos a um aspeto de ética social que se prende com a receçom destes artigos jornalísticos. Nalgumha ocasiom, após a leitura de algumha peça, meu pai —que está pouco familiarizado com o chamado *conflito normativo*—, um tanto alarmado pola pungência com que nestes textos se censura o proceder ou a inibiçom dos agentes codificadores oficialistas, tem-me perguntado se os lingüistas da RAG e do ILG diretamente criticados nom têm, de algum modo, replicado e contra-argumentado. Devim, entom, dizer-lhe que, incompreensivelmente, nunca houve resposta pública, nem é de esperar, dessas pessoas ou instituiçõs, porque a galega, a esse respeito, nom é, ainda, umha *sociedade aberta*, e porque a codificaçom da língua continua a ser, infelizmente, âmbito obscurantista e fechado, submetido a um férreo controlo político e

² Também poderá ser útil para o leitor ter em conta que a essência dos fatores e processos de degradaçom lexical é explicada de forma especialmente detalhada nos artigos que a seguir se indicam. *Variaçom geográfica sem padronizaçom*: peça n.º 16, «Desgraça e vergonha: o tratamento oficialista da variaçom geográfica do léxico galego (I)»; *substituiçom castelhanizante*: peça n.º 5, «Surto epidémico de castelhanizaçom vocabular no quadro da *docovi-19*»; *erosom e suplência castelhanizante*: peça n.º 58, «Veio de excêntricos»; *estagnaçom e suplência castelhanizante*: peça n.º 23, «Escandalosa subordinaçom neológica ao castelhano (I)»; *diferencialismo nom regenerador*: peça n.º 21, «Falsos e nocivos emblemas de galegüidade (I)».

mediático castelhanista e oficialmente reservado a pessoas e coletivos que até agora nom se tenhem conduzido, precisamente, com espírito cívico nem ética científico-académica (a qual inclui, é claro, o debate aberto e a contrastaçom, ponderaçom e retificaçom ou aperfeiçoamento de teses).

Volvidos mais de quarenta anos desde a oficializaçom da codificaçom RAG=ILG, nesta altura o panorama lingüístico da Galiza apresenta perspectivas muito pessimistas para o galego, tanto pola sua acelerada perda de falantes, quanto pola sua avançada dissoluçom formal no castelhano. Como os artigos da presente coletânea patenteiam, o *corpus* de umha língua está inextricavelmente unido à sua funcionalidade e ao seu prestígio, e o *corpus* do galego resultante da padronizaçom isolacionista, desnaturado e falto de regeneraçom, revela-se disfuncional e inútil para o prestigiar socialmente. Assim sendo, o nosso idioma hoje esmorece numha fase que já parece terminal, cada vez mais confinado e cativo, como aqui denunciámos, de uns codificadores que, submissos a um poder político nada interessado na afirmaçom do galego frente ao castelhano, se mostram ineptos e indolentes perante o definhar do idioma. Neste contexto, enfim, tam pouco auspicioso para a sobrevivência social da língua autóctone da Galiza, assaltá-nos a ideia de que estes textos, se para outra cousa nom servirem —mas esperemos que si sirvam!—, polo menos poderám ficar como testemunho —entre outros— de que, em relaçom ao tratamento dispensado ao galego polo *oficialismo*, nem todos éramos *parvos*, ou *indolentes*, ou *cúmplices*!

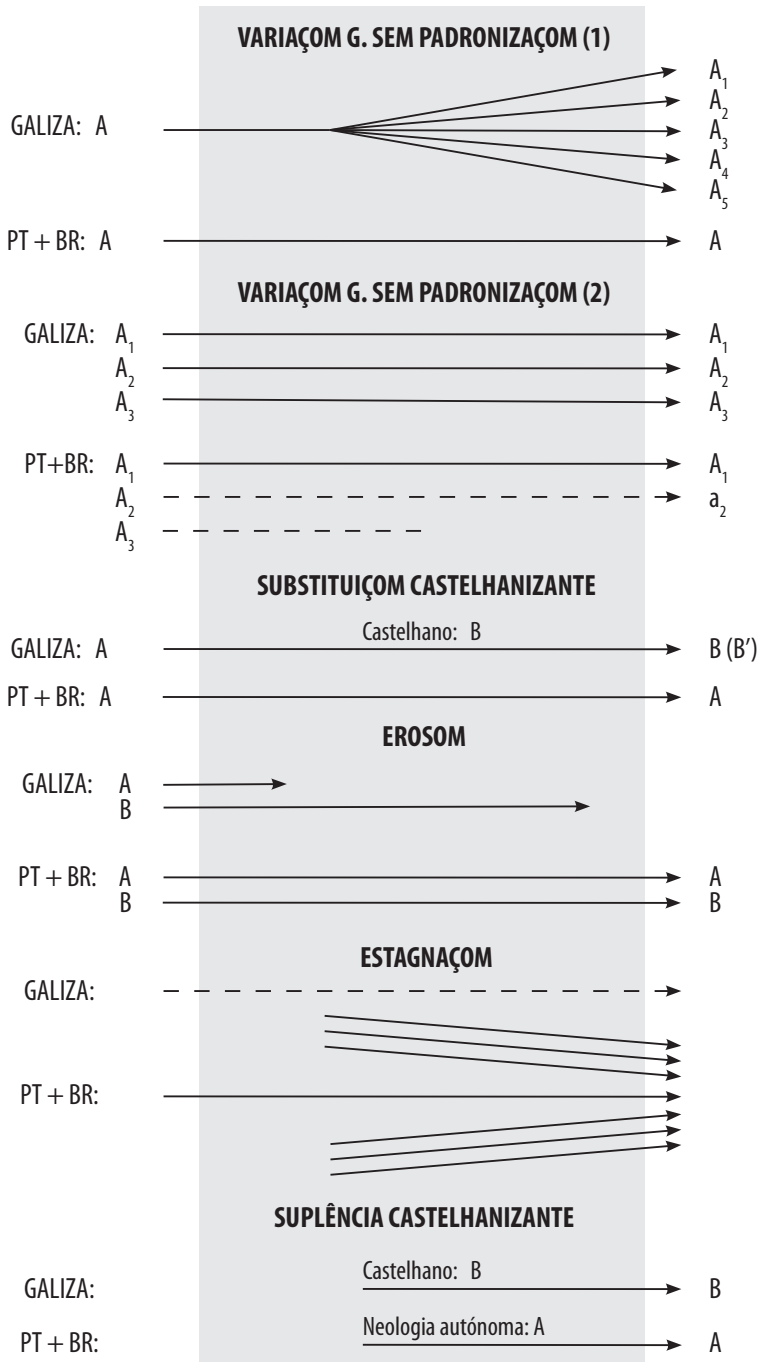
O Autor, em Vigo, outubro de 2024

Antes de encerrarmos esta apresentaçom, queria manifestar o meu agradecimento, em primeiro lugar, ao *Nós Diario*, à sua ex-diretora Maria Ovelheiro e a Susana Róis, responsável pola secçom de Opiniom do jornal, por me terem cedido um espaço mensal para a divulgaçom de temas de língua; em segundo lugar, fico muito grato ao companheiro Valentim Fagim, da Através Editora, que me convidou para publicar esta coletânea, e ao Mestre e amigo José Luís Rodrigues, quem, no meio de estimulantes conversas mantidas em frente da Areia Loura, várias vezes me sugeriu a conveniência desta publicaçom; também quero mencionar aqui o amigo Joám Facal,

modelo de compromisso cordial, a professora e amiga Maria do Carmo Henriques, cujos artigos de divulgação reintegracionista no jornal *La Región* exercêrom em mim significativa influência, e que hoje prolonga essa importante dedicação no *Faro de Vigo*, e também o Salvador, o Vítor, a Raquel e o Ricardo, amigos que de perto me encorajam a persistir.

Esquema: processos degradativos do léxico galego

SÉC. XVI - XXI



N’O RíO de Xaneiro d’O Orfeo Negro

Como decerto terá apreciado o amável leitor, o título desta peça, formulado dentro das margens da norma ILG-RAG, está *forçado*, *distorcido*, mas bastante menos do que à primeira vista poderia julgar-se, já que, pondo de parte umha pequena alteração introduzida no título do célebre filme brasileiro de 1959 de Marcel Camus —cuja denominação original é *Orfeu Negro*, sem artigo—, o resto dos elementos do enunciado encaixam sem grande atrito na *lógica* da codificação oficialista do galego. Mostrarmos como essa *lógica* pode levar, e de facto já tem levado, de forma *coerente*, a seqüências aberrantes do tipo «n’O RíO de Xaneiro», e como essa *lógica* se revela assaz *ilógica* (prejudicial) para o nosso galego, é, justamente, o objeto do presente artigo.

Os topónimos que designam núcleos de povoação do domínio lingüístico castelhano só com freqüência relativamente baixa som introduzidos por artigo definido, e esta circunstância, unida ao facto de em língua espanhola serem comparativamente escassas as junções de preposição mais artigo definido (só *al* e *del*), determina que, nessa língua, os topónimos designativos de aldeias, vilas e cidades incluam o artigo quando usualmente introduzidos por ele (*El Ejido*, *Los Ángeles*, *Las Vegas*, etc.). Nessa *lógica*, em tais topónimos, o artigo nem sequer contrai nos poucos casos em que a língua permitiria a contração: «Ayuntamiento de El Ejido» (além de «en El Ejido»), «de Los Ángeles», «a Las Vegas», etc.).

No domínio lingüístico galego-português, as cousas apresentam-se de forma totalmente diferente. Para já, entre nós, é muito elevada a freqüência de topónimos designativos de núcleos de povoação que som introduzidos por artigo definido, muito maior daquela que se verifica em castelhano, e, além disso, na nossa língua, as junções surgidas do encontro de preposição mais artigo definido som numerosas e constantes. Assim sendo, nas variedades lusitana e brasileira, e na codificação reintegracionista do galego, a convenção, *lógica*, é nom se considerar o artigo que usualmente introduz muitos topónimos como fazendo parte do próprio topónimo, artigo, este, que, no fio do discurso, se escreve com minúscula e combina ou contrai com naturalidade com as preposições: topónimo: *Porto* (Pt), «vou ao Porto»; topónimo: *Rio de Janeiro* (Br), «venho do Rio de Janeiro»; topónimo: *Carvalhinho* (Gz), «estou no Carvalhinho».

O que acontece com esta questom na codificaçom ILG-RAG? Infelizmente, o de sempre: o castelhano impera, em contra da *lógica* galega! Com efeito, a pretexto de contribuir para preservar o artigo introdutório no uso dos topónimos galegos, a codificaçom isolacionista, de harmonia com o castelhano, e em desarmonia com o lusitano e com o brasileiro, resolveu incorporar o artigo inicial às formas oficializadas dos correspondentes topónimos galegos (*A Coruña*, *As Somozas*, *O Porriño*, etc.), o que poderia ter sido igualmente conseguido sem essa incorporaçom, para tal bastando a indicaçom marginal do correspondente artigo nas listas, e até nas placas rodoviárias, pertinentes (p. ex., sob a forma «Coruña [a]»). Ora, já para o uso contextualizado desses topónimos galegos, o oficialismo decretou (ainda bem!) a soluçom lógica, galego-portuguesa, com emprego do artigo introdutório em minúscula e anexo à preposiçom correspondente: «vou á Coruña», «veño da Coruña», «estou na Coruña».

Surge, assim, no galego oficialista, um sistema toponímico híbrido castelhano/galego-português que caprichosamente quebra a unidade no seio da nossa língua (ao ponto, deve reear-se, de entre nós o duriense *Porto* se transmutar no estranho *O Porto*, e o brasílico *Rio de Janeiro* no aberrante *O Río de Xaneiro*) e que, por se tal nom chegasse, suscita umha clara incoerência interna, porquanto, na citaçom de títulos de obras iniciados por artigo definido, este, logicamente, deve ser escrito com maiúscula e mais ou menos autonomizado da preposiçom antecedente (ex.: «en *A Orixe das Especies*» ou «n’*A Orixe das Especies*»).

O pior do caso, porém, é um problema sobrevivendo: alguns utentes das normas oficialistas están a resolver esta incoerência interna entre topónimos e títulos, de forma *lógica*, mediante igualaçom! Assim, além de segmentos aberrantes do tipo «de/en *A Coruña*» («Concello/Deputación de *A Coruña*» já é um clássico!), ultimamente até nos foi dado lermos na imprensa fórmulas tam estrambóticas como «d’*A Coruña*» e «n’*O Carballiño*»! Com o Momo normativo à solta, todo é possível n’*O Río de Xaneiro*!

(Publicado originalmente no *Nós Diario* de 11.1.2020, pág. 22)

Sucesso pessoal, triunfo coletivo, fracasso social

Escusem-me que este artigo enferme de personalismo e de certa imodéstia, defeitos, porém, suficientemente compensados, acho, pelas implicações coletivas do assunto aqui focalizado. A meados do passado mês de dezembro, o que subscreve publicava na Editora da Universidade de São Paulo o *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados*, obra terminográfica destinada a tradutores e a pesquisadores, professores e estudantes universitários de Biologia que contém cerca de 60.000 termos em galego-português, castelhano, inglês e alemão, e cerca de 7000 definições redigidas em galego-português, respeitantes à morfologia, ecologia, evolução e sistemática dos protozoários e dos animais invertebrados. Julgo que tenho algum direito a considerar a publicação desta obra como um sucesso individual, umha vez que ela culmina umha aturada dedicação pessoal à investigação lexicológica e tradutiva, trajetória de que som marcos prévios as minhas monografias *Léxico Galego: Degradação e Regeneração* (2011), *Manual de Galego Científico* (2000, 2011) e *A Tradução do Ensino e Divulgação da Ciência* (2016).

A recente publicação no Brasil do nosso *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados*, além de um *sucesso pessoal*, também representa, claramente e sobretudo, um *triunfo coletivo*, um gozoso triunfo do reintegracionismo galego. Com efeito, a partir de um original redigido num galego naturalmente coordenado com o luso-brasileiro —o que reforça a autenticidade e expressividade da sua gramática (p. ex., rendimento do infinitivo flexionado!), a enxebreza e eficácia do seu léxico (p. ex., *prejuízo* nom se confunde com *preconceito*!) e a identidade e projeção da sua ortografia (250 milhões de pessoas escrevemos *minhoca* sem o ñ castelhano!)—, e aplicando-lhe umha leve adaptação às particularidades da variedade brasileira, conseguimos publicar no maior país da Galaicofonia e numha das principais universidades ibero-americanas. Esta publicação brasileira, aliás, segue àquela que, em 2013, e com a mesma estratégia expressiva, realizáramos em Portugal do manual universitário *Biologia Evolutiva*, de Ulrich Kutschera, traduzido do alemão e editado pola Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa.

Ainda noutro sentido, a publicação no Brasil do nosso dicionário terminológico, por sinal dedicado ao Mestre Ricardo Carvalho Calero, constituiu um triunfo da estratégia reintegracionista: a obra, na melhor tradição